

Distorções de Pavlov: ciência soviética e psicologia entre 1948 e 1953

Distortions of Pavlov: Soviet Science and Psychology (1948 to 1953)

Distorsiones de Pavlov: ciencia soviética y psicología entre 1948 y 1953

Distorsions de Pavlov: science et psychologie soviétiques entre 1948 et 1953

Gisele Toassa*
gtoassa@yahoo.com.brDéborah de Souza Guimarães**
deborahguimaraes1993@gmail.com**Resumo**

Este artigo propõe-se a apresentar pesquisa bibliográfica em história da ciência soviética (ou sistema soviético de produção científica) e seus desdobramentos na psicologia entre 1948 e 1953. Realizou-se uma revisão de literatura em português em bases de dados, livros e periódicos de ciências humanas, além de livros e artigos relevantes em português e inglês sobre o panorama sócio-histórico em que o sistema científico soviético se constituiu. Quanto ao período compreendido entre 1950 e 1953, os resultados descrevem de que modo a desastrosa “michurinização” das ciências, ou seja, a adoção da agrobiologia de Michurin tal como proposta pelo pseudocientista Trofim Lissenko à guisa de paradigma de pesquisa nas ciências agrárias, repercutiu na psicologia como “pavlovização”, ou seja, a orientação de que todas as produções científicas seguissem na direção de Pavlov. Os resultados descrevem o “efeito-cascata” das chamadas “sessões pavlovianas”, abordando seus impactos na psicologia, em particular, sobre A.R. Luria e A.N. Leontiev.

Palavras-chave: história da ciência; história – União Soviética; história da psicologia; Luria, Alexander Romanovich, 1902-1977; Leontiev, Alexei Nikolaievich, 1903-1979.

Abstract

This paper aims to present a bibliographic research in history of Soviet Science (or soviet system of science production) and its developments in psychology from 1948 to 1953. For this, we have gathered data by means of a review of references in Portuguese in the SciELO database, books and journals of the human sciences, and readings of significant books and articles in English language on the social and historic background of the constitution of soviet system of science production. The results describe how the affair

*Professora Associada I da Universidade Federal de Goiás, atuando no Programa de Pós-graduação em Psicologia da mesma universidade.

**Mestranda em Psicologia na Universidade Federal de Goiás.

Como citar: Toassa, G. & Guimarães, D. de S. (2019) Distorções de Pavlov: ciência soviética e psicologia entre 1948 e 1953. *Psicologia Política*, 19(44), p. 16-33.

Lyssenko and his Michurinist viewpoint led the scientists to follow a Pavlovian framework between 1950 and 1953 as the mandatory Party line for many sciences, including psychology. We analyze how the affair Lyssenko led to a cascade of sessions in different scientific academies, which affected some leading researchers in psychology in that time, from which we singled out Luria and Leontiev.

Keywords: *History of science; History – USSR; History of Psychology; Luria, Alexander Romanovich, 1902-1977; Leontiev, Alexei Nikolaievich, 1903-1979.*

Resumen

Este artículo se propone presentar la literatura en la historia de la ciencia soviética (o sistema soviético de la producción científica) y sus desarrollos en la psicología, entre 1948 y 1953. Hemos hecho una revisión de literatura en portugués en bases de datos, libros y revistas de humanidades, así como libros y artículos relevantes en Inglés y portugués en el contexto socio-histórico en el que se formó el sistema científico. En cuanto al período comprendido entre 1950 y 1953, los resultados describen de qué modo la "michurinización" de las ciencias, en el seno del caso Lissenko, repercutió en la psicología como "pavlovización", o sea, la orientación de que todas las producciones científicas siguieran en la dirección de Pavlov. Los resultados describen el "efecto-cascada" de las llamadas "sesiones pavlovianas", abordando los impactos en la psicología, en particular, sobre A.R. Luria y A.N. Leontiev.

Palabras-clave: *historia de la ciencia; historia - Unión Soviética; historia de la psicología; Luria, Alexander Romanovich, 1902-1977; Leontiev, Alexei Nikolaievich, 1903-1979.*

Résumé

Cet article propose de présenter une recherche bibliographique sur l'histoire de la science soviétique (ou système de production scientifique soviétique) et ses développements en psychologie entre 1948 et 1953. Une revue de la littérature a été réalisée en portugais dans des portails scientifiques, livres et périodiques en plus que des livres et des articles pertinents en portugais et en anglais sur le panorama socio-historique dans lequel le système scientifique soviétique a été constitué. Pour ce qui est de la période entre 1950 et 1953, les résultats décrivent comment la "michurinisation" désastreuse des sciences, c'est-à-dire l'adoption de l'agrobiologie de Michurin proposée par le pseudo-scientifique Trofim Lissenko comme paradigme de la recherche en sciences de l'agriculture, a eu des répercussions. en psychologie comme "pavlovisation", c'est-à-dire l'orientation de toute la production scientifique à suivre Pavlov. Les résultats décrivent l'"effet de cascade" des "séances Pavloviennes", abordant leurs impacts sur la psychologie, en particulier sur A.R. Luria et A.N. Léontiev.

Mots-clés: *histoire de la science; histoire - Union soviétique; histoire de la psychologie; Luria, Alexander Romanovich, 1902-1977; Leontiev, Alexei Nikolaievich, 1903-1979.*

A psicologia no contexto da ciência soviética: agulha num palheiro

O resgate histórico de uma área científica é um processo fundamental à formação da identidade de novos pesquisadores e profissionais, à avaliação de conceitos em diferentes perspectivas e à comparação entre diferentes culturas acadêmicas. No que se refere ao campo da psicologia, conforme salienta González-Rey (2012, p. 263-264), os estudos vêm revelando com grande frequência adesões acríticas e a-históricas, que podem nos induzir a uma leitura descontextualizada e distorcida das ideias de um autor, já que este e a sua obra são partes inseparáveis de uma determinada época. Exemplo dessa leitura é explorado por Toassa, ao descrever que “a teoria da atividade vem se inflando sem maiores cuidados com respeito à compreensão de seu significado político e sociológico na sociedade soviética” (Toassa, 2016, p. 03). Novas leituras se fazem necessárias na defesa de uma perspectiva marxista, capaz de perceber o movimento das macroestruturas sociais e seu impacto na pesquisa em psicologia, para além de uma historiografia focada, por equívoco, apenas nos “grandes homens”.

Nesse sentido, vale lembrar que grandes produções científicas, bem como situações complexas, de difícil interpretação no âmbito da relação ciência-política (como o caso Lissenko, que resumiremos mais adiante) e vários outros avanços foram alcançados no período de hegemonia stalinista (Kojevnikov, 2004, p. XII citado por Henrique; Zanetic & Gurgel, 2012), compreendido entre 1928 e 1953. Nesse período, houve momentos nos quais a ciência soviética isolou-se por completo, fechando-se em suas fronteiras nacionais, administrativas e ideológicas (Krementsov, 1997), absorvendo os impactos da coexistência anômala do socialismo soviético com o capitalismo. Devido às particularidades na forma de organização social, científica, política e econômica soviéticas, que eram muito diferentes do restante do mundo, o resgate da história da ciência da URSS permite-nos refletir acerca de nosso próprio modelo de ciência e a influência que fatores sociais, políticos, econômicos e culturais exercem sobre a prática dos cientistas (Henrique; Zanetic & Gurgel, 2012). Assim, destacada a importância de reinserir o objeto de estudo no contexto cultural no qual surgiu, esse trabalho visa compreender o sistema de ciência soviética entre os anos de 1948 a 1953, auge do caso Lissenko, com suas destrutivas consequências para todo o sistema soviético de ciência, incluindo a psicologia.

Entre 1950-1952, as “sessões pavlovianas” (ver Anexo 1) determinaram a adoção da obra de Ivan Petrovitch Pavlov (1849-1936) como modelo oficial para diversas ciências soviéticas. Nossa hipótese de trabalho supôs, acertadamente, existir uma lacuna na produção acadêmica brasileira sobre a história social e política da ciência soviética e dos seus desdobramentos na psicologia, no período em estudo¹. Frente à profícua produção científica do sistema soviético e a complexidade do momento histórico estudado, buscar processos e determinações relevantes para a psicologia assemelha-se a buscar agulha num palheiro. Não obstante, é um processo essencial para o avanço de uma psicologia no contexto da concepção de um futuro socialismo, capaz de aprender com acertos e erros da experiência soviética.

Metodologia

A busca em bases de dados bibliográficas foi efetivada durante os meses de janeiro e fevereiro de 2016. Como critério para seleção da literatura sobre o tema, estabeleceu-se que estes deveriam fazer referência à história da União Soviética no período compreendido e/ou mencionassem o modo como a psicologia apresentava-se no tempo e lugar determinados².

¹ O presente artigo é o resultado parcial de um trabalho de iniciação científica vinculado ao Programa de Iniciação Científica e Tecnológica da UFG, realizado pela segunda autora, sob orientação da primeira. A pesquisa bibliográfica em inglês vincula-se ao pós-doutorado da primeira autora.

² Na primeira etapa da pesquisa, realizou-se revisão de literatura na base de dados SciELO utilizando os seguintes descritores: “ciência soviética”, “ciência na URSS”, “história da ciência soviética”, “pavlovização” e “sessões pavlovianas”. Entretanto, devido à baixa quantidade de material encontrado optou-se por ampliar a pesquisa à base de dados PEPISIC Portal de Periódicos da Capes, Google Acadêmico, bem como no banco de teses e dissertações da Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Universidade de Brasília (UNB), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Posteriormente à busca, eliminaram-se as repetições encontradas e se leram os resumos de todos os artigos. Quando necessário, foi realizada uma breve leitura do trabalho com o fim de melhor compreender o conteúdo abordado, efetivando-se em seguida a identificação geral e análise dos artigos e livros localizados na revisão bibliográfica no que toca ao tema em estudo. De acordo com os critérios estabelecidos, foram encontrados seis artigos, um livro e uma tese de doutorado³. A etapa seguinte pautou-se em fontes localizadas pela primeira autora, em inglês, que discutissem a constituição da ciência soviética durante o período delimitado, decorrendo de seus estudos de pós-doutorado no âmbito da história da psicologia e da ciência soviética.

Abarcamos, nessa segunda etapa, livros e artigos pouco comentados no Brasil sobre ciência soviética. Cabe destacar que, embora fosse nossa intenção inicial realizarmos uma rigorosa revisão em bases de dados bibliográficas em inglês, abordando pesquisas recentes em ciência soviética, na prática, percebemos que essa direção acabaria por ser insatisfatória, pois tornaria nosso trabalho mais amplo em número de autores, conquanto mais superficial sob um ponto de vista heurístico, pois não poderíamos abordar autores muito relevantes para o tema que são pouco conhecidos no Brasil (caso de Joravsky e Krementsov). Ademais, constatou a drástica retração das pesquisas em ciência soviética na literatura publicada em inglês desde 1991 (ano do fim da URSS).

Nesses termos, acabamos por reconhecer a centralidade da obra *Stalinist Science*, de N. Krementsov (1997), autor de enorme importância no contexto acadêmico internacional por retratar a ciência soviética como um sistema⁴. As pesquisas de Krementsov destacam-se pela análise da interação entre os *policy makers* do Partido Comunista e os cientistas, embasando-se nos arquivos do Partido Comunista da União Soviética e outras instituições, abertos apenas nos anos 1980/1990. Outros autores que aqui citamos, como Shuare, Bauer, Joravsky, Yasnitsky, Silva e Almeida foram localizados de modo artesanal.

As origens do sistema soviético de ciência

Após sete anos ininterruptos de guerras (1914-1921), com baixas populacionais na casa dos milhões, a situação em que se encontrava a Rússia pós-revolução era devastadora: despovoamento de centros urbanos, indústria e agricultura arruinadas e o desabastecimento de alimentos, combustível e matéria-prima (Netto, 1986). Porém, a crença marxista na ciência como primordial para a construção de uma nova sociedade fez com que o Estado realizasse pesados investimentos no campo científico. Durante a primeira década de poder bolchevique, concederam-se aos cientistas recursos e autonomia para desenvolver seus trabalhos de forma plena. Esse estímulo visava mantê-los no país, bem como expandir o potencial científico da URSS (Krementsov, 1997). Como resultado, entre 1918 e 1927 o número de institutos científicos cresceu de 21 para 90, multiplicando-se em cerca de 54 vezes o or-

³ No que se refere à SciELO, os poucos artigos encontrados faziam breves apontamentos a Pavlov e a seu trabalho com reflexos condicionados e suas relações com o behaviorismo ocidental. Nas demais bases, nada foi encontrado. A tese de Almeida (2008) é um trabalho que descreve a história da União Soviética e seu modelo particular de ciência, o qual, por sua vez, contribuiu para traçar o panorama social, político e econômico presente no período em estudo compreendido neste trabalho. Em relação aos seis artigos científicos encontrados, dois são de autoria de Santos Junior (2012a; 2012b) e se propõem a analisar a história da ciência da informação e tecnologia na União Soviética. Outro, de autoria de Henrique, Zanetic e Gurgel (2012), discorre sobre a história da cosmologia soviética na primeira metade do século XX. Os três trabalhos mencionados não fazem referência a Pavlov ou às sessões pavlovianas, já mencionadas. O quarto artigo analisado relata o trabalho de Araújo, Ferreira, Lima e Gonçalves (2010), que trata das bases filosóficas do materialismo dialético na psicologia soviética, destacando o papel da Escola de Vigotski e não se refere às sessões pavlovianas ou aos impactos do caso Lissenko na psicologia. O mesmo ocorre com Ricci e Tuleski (2012), Teixeira (2004) e Lazaretti (2011). Este último propõe-se a investigar quais as condições na União Soviética para o desenvolvimento das ideias de Daniil Borisovich Elkonin (1904-1984), apontando, equivocadamente, que as sessões pavlovianas eram consideradas os únicos “congressos” de psicologia da sua época. Os trabalhos localizados não fazem alusão ao conceito de sistema soviético de ciência cunhado por Krementsov.

⁴ Nikolai Krementsov, natural do Uzbequistão, é professor de História e Biologia da Medicina na University of Toronto. Seu interesse pela história da ciência soviética teve início em 1984 no contexto de abertura política do governo Gorbachev, no qual diversos historiadores das ciências debruçaram-se sobre o material arquivístico da URSS. A maioria deles, infelizmente, não logrou maior impacto internacional; Krementsov, no entanto, obteve a ajuda de Daniel Todes (professor da John Hopkins University) e Mark Adams (da University of Pennsylvania) para estruturar suas ideias sobre o sistema soviético de ciência escrevendo em inglês. Como resultado, seu livro *Stalinist Science* conta com mais de 400 citações no Google Acadêmico. Mas, justiça seja feita, no prefácio de seu livro, Krementsov salienta que diversos historiadores soviéticos de sua época perceberam as falhas da literatura então existente em retratar as conexões entre os *policy makers* do Partido Comunista e os cientistas, não sendo ele o único a expor tais conexões.

çamento a eles destinado. Em 1956, a URSS já possuía mais doutores na ciência que os Estados Unidos: 64 contra 51 mil (Turkevich, 1956). Um estrato social imenso que, desde o fim da década de 1930, ocupava cargos no complexo sistema soviético de ciência instituído no decorrer daquela década, após anos de rápida transformação, extinção e criação de instituições.

Em 1928, Josef Stálin venceu Trótski e assumiu o controle do Estado soviético governando-o até sua morte em 1953. A nova configuração política está dada no período da “Grande Quebra”, ou seja, do Primeiro Plano Quinquenal (1928-1932)⁵, tendo como uma das consequências a substituição dos dois sistemas de ciência (a “burguesa” e a “comunista”, próprios dos anos 1920) por um único, o sistema soviético de ciência (Krementsov, 1997).

Com quatro anos de intervalo, a “Grande Quebra” foi sucedida pelo “Grande Terror” (1936 até início de 1939)⁶. Em contraste com a perda autonomia dos anos de 1920, “até aproximadamente 1940, centenas de cientistas foram expurgados de seus cargos e presos; muitos foram executados sob acusações de ‘traição’; outros sentenciados a longos períodos de exílio em Gulags, onde muitos pereceram” (Santos Junior, 2012a, p. 282). Durante esse momento, observou-se ainda a prisão de 8 milhões de pessoas e execução de aproximadamente 1 milhão, especialmente, entre os quadros do Partido Bolchevique (Krementsov, 1997; Deutscher, 1970). Segundo Henrique, Zanetic e Gurgel (2012), os anos de 1930 foram marcados por perseguições daqueles que fossem considerados “burgueses” ou inimigos do regime socialista. Exigiu-se, de toda forma, lealdade perante o sistema junto de uma ânsia por controlar e investigar inúmeras instituições ligadas à ciência, além de prender e até mesmo executar aqueles que eram julgados inimigos do Partido. Vários pesquisadores perderam seus empregos, sendo substituídos por membros do Partido Comunista, “muitos dos quais tinham formação acadêmica inferior a dos profissionais substituídos” (Graham, 1966 citado por Henrique; Zanetic & Gurgel, 2012, p. 08). A partir de então, tornou-se corriqueira a oscilação entre momentos de intercâmbio ou de isolamento dos cientistas da URSS com relação a seus pares em outros países. Os anos de 1940 inauguraram um agitado período para a história, marcado pela Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a começar pela invasão de Hitler na URSS, em 1941.

Krementsov (1997) aponta que a “ciência stalinista”, ou seja, o sistema de produção de ciência cuja construção é iniciada com a Grande Quebra, já estava em franca operação desde o fim da década de 1930. Esse modelo foi a mais duradoura versão da ciência soviética, sendo que a estrutura e funcionamento do sistema permaneceram os mesmos até o final do regime. Enquanto um expressivo número de Prêmios Nobel era atribuído à ciência soviética, Kremmentsov (1997) calcula que 30% dos cientistas trabalhavam nos *sharashki*, campos de prisioneiros a eles destinados. Entretanto, não cabe dúvida de que o nível de intervencionismo, insegurança e violência de Estado tenha se intensificado durante o stalinismo.

Comentando Kremmentsov, Yasnitsky (2016) considera o novo modelo de sistema de ciência nacional como um híbrido de Estado, partido e ciência, cujas fronteiras haviam se tornado borradas, difíceis de distinguir. A ciência soviética é marcada por estrito controle da burocracia do Partido-Estado em todos seus níveis. Como exemplos: na distribuição de cargos administrativos; decisão sobre os objetivos das pesquisas (as quais deveriam concorrer para a construção do socialismo); locais e datas para divulgação dos resultados delas etc. Determinados postos administrativos nas instituições científicas somente podiam ser ocupados mediante um complexo sistema de *nomenklatura*, o qual consistia no controle direto da nomeação de profissionais pelo partido (Toassa, 2016), complementado por um estrito controle orçamentário e infraestrutural. O sistema espelhava a hierarquia do Par-

⁵ Kremmentsov (1997) considera de “Grande Quebra” (Velikii Perelom) o processo de revolução pelo alto capitaneado por Stálin, cuja marca foi uma série de drásticas mudanças: na esfera econômica – com aumento dos investimentos nas indústrias de base, coletivização forçada no campo etc.; na política – com o fim da relativa autonomia intelectual própria da década da revolução; e no campo social – com ênfase em valores como disciplina, lealdade ao Estado, etc. (Reis Filho, 2007).

⁶ Nesse período, Stálin instaurou um regime de exceção no qual aniquilou as lideranças bolcheviques que constituíam alternativas potenciais ao seu regime. O clima de terror atravessou todas as esferas da vida social, daí ser apelidada como “Grande Terror” (Netto, 1986).

tido: Krementsov (1997) observa que, quanto mais alto o posto na ciência, mais elevado era o Comitê partidário a deliberar sobre ele. O autor comenta ainda que os cientistas dos escalões superiores percebiam as vantagens – a despeito dos riscos – em acumular poder sobre polpudos financiamentos, amplos quadros de pessoal e rápido desenvolvimento institucional.

O sistema de ciência soviético era bastante rápido no processo de transmissão das políticas do topo para a base. Assim, se o Partido elegeisse determinadas linhas teóricas como as ideais para a construção de uma sociedade socialista, a comunidade científica deveria adaptar-se aos novos preceitos, ou, em caso de recusa, arcar com as consequências (destituição de postos de trabalho, críticas públicas/autocríticas, prisão, etc).

Segundo Santos Junior (2012a, 2012b) e Krementsov (1997), os cientistas soviéticos aprenderam a se adequar ao sistema não só para evitar sanções, mas também para obter recursos. A realização de referências ao marxismo nos trabalhos acadêmicos passou ser obrigatória, dando origem a práticas discursivas extremamente complexas, cuja descrição foge aos limites do presente artigo. Mas, em linhas gerais, podemos afirmar que os cientistas oscilaram entre dois extremos: aderir teórica e praticamente às injunções marxistas-leninistas impostas ao sistema de ciência pelo governo ou iludir a burocracia estatal na aparência (ver Toassa, 2016), enquanto, na essência, perseguiram agendas próprias de pesquisa, sem atentar às políticas temporárias de Estado (Krementsov, 1997). Aqui se fecha o circuito: embora a *nomenklatura* assegurasse o controle da ciência pelo Partido de “cima para baixo”, os cientistas aprenderam a exercer influência “de baixo para cima” por meio de táticas diversas. Apelar aos *policy makers* do Partido, buscando “padrinhos” para as pesquisas tornou-se prática corriqueira; enquanto os conhecimentos científicos dos membros do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) eram limitados, crescia o número de compilações de citações marxistas dirigidas para cientistas que precisavam convencer os agentes de controle de sua adesão ao discurso stalinista.

O sistema soviético de ciência no pós-guerra

O cenário dos anos 1930 muda após a vitória na 2ª Guerra Mundial. Conforme afirma Krementsov (1997), em 1946, um decreto especial proveu aos pesquisadores recursos e autonomia para desenvolver seu trabalho. Consolidou-se o sistema de privilégios estruturado pelo menos desde 1935 (Fitzpatrick, 2000), principalmente para os que ocupavam posições administrativas: melhores salários, prioridade no acesso à moradia, alimentação, bens de consumo em lojas exclusivas, entre outros. Paralelamente, impulsionou-se a construção de novos institutos de pesquisa. Tais privilégios foram muito significativos, uma vez que o país estava devastado pela guerra.

Mas a abertura durou pouco. Em 1946, um discurso de Churchill deu início à Guerra Fria, instaurando tensionamentos entre a URSS e seus antigos aliados. Em meio a poucos períodos de paz, como aquele que levou ao reconhecimento do Estado de Israel em 1947, seguiu-se uma onda de hostilidades entre o Ocidente e a URSS. A hostilidade produziu também o antissemitismo, desencadeado pela fúria de Stálin frente à perda de controle sobre o estado de Israel, cuja criação ele apadrinhara (Deutscher, 1970). Reiniciou-se outro período de fechamento de diálogo com as potências ocidentais (Krementsov, 1997), sendo consensual, nas referências estudadas, a percepção de que a nova onda de terror acometeu especificamente as artes e as ciências entre os anos de 1948 a 1953 – e que esse teria sido um dos primeiros impactos da Guerra Fria na URSS.

Renovou-se o nacionalismo soviético e a busca pela melhor e mais verdadeira expressão do marxismo-leninismo nas mais diversas esferas sociais (Toassa, 2015). O clima cultural ritualístico presente na URSS stalinista caracterizou-se por perseguições, críticas e autocríticas, necessidade de demonstrar lealdade e de expor as “heresias” dos competidores. Foi nesse contexto que repercutiu internacionalmente o chamado “caso Lissenko”, junto à campanha pela “michurinização” das ciências

as agrárias na URSS e à promoção da agrobiologia de Michurin à condição de “verdadeira ciência biológica soviética”, sendo extinta a genética como ciência após as devastadoras críticas públicas – entre diversas outras manobras institucionais – realizadas por Trofim Lissenko e seu grupo.

Segundo Joravsky (1989) e Kremmentsov (1997), Lissenko sustentava que o michurinismo era uma nova biologia, revelada por Michurin, um estudante de plantas da Rússia Antiga, e desenvolvida mais a fundo por ele próprio. Não obstante, Kremmentsov (1997) atribui a criação da agrobiologia ao próprio Trofim Lissenko (1898-1976), um pseudocientista agressivo, arrivista político e indivíduo muito bem relacionado no interior do Partido Comunista.

Segundo Kremmentsov (1997), a campanha de michurinização liderada por Lissenko expressava um novo jargão da propaganda stalinista, tanto interna quanto externamente: o da superioridade da ciência soviética com relação à ocidental. Lyssenko desenvolveu sua pseudociência, a agrobiologia, com base em conceitos da fisiologia das plantas, citologia, genética e teoria da evolução. Foi tão hábil em angariar apoio no Partido que a técnica da vernalização de sementes foi aplicada a nada menos do que 10 milhões de hectares em 1937 (Cohen, 1976)⁷.

O sistema soviético de ciência oscila, então, ao extremo de fechamento em si mesmo, desafiando as próprias leis da natureza em benefício da defesa do Partido-Estado no contexto da Guerra Fria: safras inteiras foram perdidas devido à aplicação das técnicas “michurinistas” da agrobiologia nas ciências agrárias, pois a agricultura continuava a ter problemas sérios, com crises periódicas de desabastecimento.

O caso Lissenko começara na botânica agrícola em 1934, no bojo da Academia de Ciências Agrárias da União Soviética (VASKhNIL) ao longo dos anos 1930 e 1940, e alcançou o auge entre 1948-1953, causando repercussão internacional. Naquele contexto,

A rápida ascensão de Lissenko na hierarquia científica foi, aparentemente, acelerada pela política do pessoal do partido e garantida com o apoio da burocracia agrícola [...]. Lissenko era jovem, nasceu em 1898 em uma família camponesa e não tinha treinamento acadêmico formal nem vínculo com a comunidade acadêmica – um pacote de características biográficas que se encaixava perfeitamente no ideal do cientista soviético endossado no final da década de 1920 e início da década de 1930 durante a campanha dos *vydvizhentsy* [promovidos – G.T.]. Além disso, o trabalho de Lissenko era totalmente “prático”. [...] A campanha barulhenta em nome de Lissenko e seus seguidores em jornais e revistas agrícolas ganharam força conforme crescia o poder institucional de Lissenko. (Kremmentsov, 1997, p. 58, tradução nossa)⁸

A renovação do nacionalismo no contexto da Guerra Fria catapultou Lissenko à vitória contra a genética – acusada de burguesa, ocidental, cosmopolita e afinada com o nazismo – levando ao seu banimento como ciência até 1964. Muitos geneticistas perderam postos de trabalho, padecendo dificuldades similares às dos pedólogos em 1936⁹.

⁷ Processo que consistia em buscar modificação da taxa de crescimento das sementes fazendo-as enfrentar o frio invernal antes da germinação. Com ela, Lyssenko defendeu que as condições ambientais administradas pelo homem prevaleceriam sobre a genética das plantas (Cohen, 1976). Lissenko defendia que as características adquiridas pelo organismo através do contato com o ambiente (revolucionário), durante a vida, seriam repassadas aos descendentes. As alterações radicais das condições ambientais de sobrevivência tornariam os laços hereditários mais instáveis e propícios a modificações.

⁸ Lysenko's swift ascent up the scientific hierarchy as apparently accelerated by party personnel policy and secured by the support of the agricultural bureaucracy [...] Lysenko was young, born in 1898 into a peasant family, and had neither formal academic training nor ties with the academic Community — a package of biographical characteristics that fitted perfectly the ideal of the Soviet scientist endorsed in the late 1920s and early 1930s during the campaign for *vydvizhentsy*. Furthermore, Lysenko's work was utterly “practical.” [...] The noisy campaign on behalf of Lysenko and his followers in newspapers and agricultural journals gained momentum as Lysenko's institutional power grew. (Kremmentsov, 1997, p. 58)

⁹ Nesse ano, a pedologia (ciência do desenvolvimento infantil) foi extinta por um decreto de Stálin, e os pedólogos tiveram que se acomodar em áreas afins (Toassa, 2016).

Lissenko acusou os geneticistas de realizar estudos puramente teóricos ou “desnecessários”, tais como os de borboletas e outros insetos, os quais não estabeleciam relação com a prática para a construção de uma sociedade socialista. Tais acusações haviam começado em meados dos anos 1930. A “agrobiologia” propunha um “darwinismo soviético criativo”, negando, de fato, o darwinismo e se voltando para o lamarckismo, para o qual, de longa data, tendiam tanto Stálin quanto muitos cientistas soviéticos (Krementsov, 1997). Com base em recomendação do próprio Stálin, convencido por Lissenko, a vitória deste último sobre a genética foi proclamada na sessão – ou encontro – da Academia de Ciências Agrárias (VASKhNIL) realizada entre 31 de julho e sete de agosto de 1948, cujo apelido foi “Sobre a Situação na Ciência Biológica”. Sessões como esta não podiam ser consideradas como congressos científicos: nelas, a ciência tornava-se mero expediente para disputas pelo poder institucional (Krementsov, 1997). A essa altura, a despeito da insegurança, os cientistas já haviam se adaptado à operação do sistema soviético de produção científica:

A comunidade científica entendeu perfeitamente bem a lição da reunião da VASKhNIL e se apressou a mostrar sua adesão à nova linha “politicamente correta”. Durante o outono de 1948, a campanha michurinista rapidamente se espalhou, vindo a abarcar quase todas as instituições de pesquisa e educação em todos os campos. [...] Em biologia, medicina, pedagogia, psicologia e linguística, os líderes científicos procuraram proteger suas agendas intelectuais e institucionais, santificando-as como indefectivelmente michurinistas – e, portanto, “pré-aprovadas”. (Krementsov, 1997, p. 193-194, tradução nossa)¹⁰.

Tal como afirma Almeida, o caso Lissenko não foi um fato isolado na história da URSS “houve outros com a mesma intensidade, mas com menor divulgação e estudo, como na história, linguística e medicina” (p.119). O Estado soviético expandiu a busca por outros “Michurins”, outros “pais-fundadores” da ciência soviética, havendo, ao mesmo tempo, a condenação violenta da assimilação da cultura dos países capitalistas. Nessa onda, vários cientistas retiraram de seus trabalhos as contribuições da ciência ocidental – reforçando as soviéticas.

A ritualística das sessões que repercutiram a da Academia de Ciências Agrárias ganhou impulso. Nesse contexto, conforme Kremmentsov (1997), ocorreu a “pavlovização” das ciências biológicas, médicas e psicológicas, tendo como centro a propagação do michurinismo nas demais ciências e a reabertura da disputa pelo imenso legado institucional de Pavlov, falecido havia mais de uma década. Uma temporada de tensões abriu-se, igualmente, na psicologia soviética, que, embora tenha sempre se reportado a Pavlov, desta feita, passou a ter de tomá-lo como referência prioritária, sob ameaça de punições executadas pelo próprio sistema científico local (Almeida, 2008).

A pavlovização das ciências médicas e da psicologia

No auge do caso Lissenko, as Academias de Ciências e de Ciências Médicas da URSS, além da de Ciências Pedagógicas da Rússia (criada em 1943), eram as três maiores da União Soviética. O Instituto de Psicologia Experimental de Moscou, base do Círculo de Vigotski¹¹, também fora incorporado à Academia de Ciências Pedagógicas.

¹⁰ The scientific community understood perfectly well the lesson of the VASKhNIL meeting and hastened to display its compliance with the new “politically correct” line. During autumn 1948, the Michurinist campaign quickly spread to engulf almost all research and educational institutions in every field. [...] In biology, medicine, pedagogy, psychology, and linguistics, scientific leaders sought to protect their existing intellectual and institutional agendas by sanctifying them as quintessentially Michurinist—and hence “preapproved”. (Krementsov, 1997, p. 193-194)

¹¹ Lev Semionovich Vigotski (1896-1934), autor com formação multidisciplinar (direito, arte, história e filosofia, além de medicina) concebeu princípios fundamentais de uma nova psicologia marxista, destinada a ocupar espaço no processo de formação do “novo homem socialista” (Toassa, 2011). O Círculo de Vigotski chegou a contar com dezenas de pesquisadores que investigaram diversos temas (em especial, o desenvolvimento das funções psíquicas superiores e da consciência, conforme Yasnitsky, 2009).

Pavlov, primeiro russo laureado com um Nobel de Fisiologia ou Medicina, em 1904, faleceu em 1936, dando início a uma disputa entre os fisiologistas pela herança de seu imenso poderio institucional (Krementsov, 1997; Todes, 2000). No auge do caso Lissenko, após 1950, Pavlov foi selecionado como um dos “pais-fundadores” da fisiologia soviética (ao lado de Sechenov)¹². Para que cada pesquisador-competidor mantivesse seus empregos ou buscasse melhores posições, era preciso mostrar-se fiel ao “discurso do mestre” de seu respectivo campo. Embora Marx e Engels fossem onipresentes nas referências dos soviéticos, havia muitos temas dos quais estes não haviam tratado. Essas lacunas eram preenchidas pelos “pais-fundadores”, que, nas palavras de Krementsov (1997, p. 223), ganhavam novas biografias, similares aos antigos volumes sobre as “vidas dos santos”.

Nessa toada, aspectos incômodos, abertamente antiproletários, da vida e obra de Pavlov (como sua defesa da eugenia mencionada em Todes, 2000) não eram lembrados. Embora o caso Lissenko tenha tornado obrigatório que pesquisadores da fisiologia e áreas afins se embasassem em Pavlov (morto em 1936), Krementsov (1997, p. 263) considera que a leitura de Ivan Petrovitch como o “grande pai” da fisiologia russa, na época da campanha michurinista, já tinha uma história de “quase quinze anos”. Com a morte de Pavlov, em 1936, o regime canonizou a doutrina dos reflexos condicionados, e, no fim dos anos 1930, “Pavlov” convertera-se em um nome amplamente usado para legitimação da pesquisa não só na fisiologia, mas também na psicologia, psiquiatria, neurologia, higiene e outras.

Yasnitsky (2009) observa que a imensa insegurança dos cientistas refletiu-se em uma queda dramática do número de publicações. Para Bauer (1952), nenhum psicólogo poderia ensinar ou escrever algo contrário às (em geral, enigmáticas) tendências estabelecidas pelo stalinismo a cada momento. Mais do que nunca, enquanto perdurasse a imposição de certa “doutrina pavloviana” distorcida à psicologia (entre outras ciências) – que cessou por completo apenas em 1962 – a adequação de um enunciado científico às diretrizes do regime stalinista só podia ser conhecida após ser realizado (Shuare, 1990). Por esta razão, o clima de insegurança era onipresente. Como exemplo, podemos mencionar que o mecanicismo e a passividade dos organismos vivos, próprios do ideário pavloviano, foram misturados com elementos estranhos a ele: a projeção de um “novo homem” soviético, caracterizado pela disciplina, subordinação da vontade individual à autoridade/aos interesses da sociedade; o isolacionismo da ciência soviética no contexto internacional, com a celebração acrítica dos autores soviéticos; e o menosprezo dogmático à pesquisa empírica, acusada indevidamente de “objetivismo”.

De acordo com Krementsov (1997), após a morte de Pavlov, o Comitê Central do Partido apontara Leon Abgarovich Orbeli (1882-1958), um dos mais antigos e talentosos ex-estudantes de Ivan Petrovitch, como legítimo herdeiro do Instituto de Fisiologia na Academia de Ciências e da vila de pesquisa de Pavlov em Koltushi. Não obstante, outros alunos tentaram tomar o posto assumido por Orbeli, denunciando-o por desvios do legado do pai-fundador da fisiologia russa. Encontros michurinistas ocorridos ainda em 1948¹³ também falharam em promover a queda de Orbeli, até que os adversários do cientista na Academia de Ciências Médicas conseguiram destituí-lo de seus principais postos por meio da Sessão Pavloviana de Julho de 1950 (Krementsov, 1997)¹⁴.

Logo depois da sessão *Sobre a Situação na Ciência Biológica* no VASKhNIL, em 1948, Lissenko, estudantes de Pavlov e outros cientistas que ocupavam altos cargos administrativos haviam tentado aproximar a doutrina de Pavlov da biologia michurinista, investindo contra Orbeli (Krementsov, 1997). Para isso, passaram a sustentar, equivocadamente, que Pavlov defendia a trans-

¹² Ivan Sechenov (1829-1905) foi um famoso cientista russo na década de 1860. Fisiologista, darwinista, defensor de uma compreensão do sistema nervoso como sistema mecânico, escreveu em 1863 um artigo denominado “Reflexos do cérebro”, o qual inspirou Pavlov no desenvolvimento de sua pesquisa sobre os reflexos condicionados (Todes, 2000).

¹³ Com destaque para um Encontro Ampliado do Presidium da Academia de Ciências Médicas na qual o próprio Lissenko surgira para refutar Orbeli no tema da herança dos caracteres adquiridos (Krementsov, 1997).

¹⁴ Na surdina, Orbeli resistiu aos ataques de Lissenko fazendo petições, reorganizando os laboratórios, apelando aos policy makers do Partido, ou mesmo procurando recolocar profissionalmente os geneticistas que perdiam seus empregos devido aos ataques daquele.

formação dos reflexos condicionados em incondicionados no processo evolutivo dos organismos. Em outras palavras: passaram a propor que os reflexos condicionados pudessem, em certas condições, ser transmitidos hereditariamente por um indivíduo aos seus descendentes – sustentando, pois, uma variante do lamarckismo.

Esse ideário ficou conhecido como mito do “Pavlov Michurinista”. Uma mentira, pois já em 1927, Pavlov afirmara que seus experimentos não confirmavam a proposta de transmissão hereditária de reflexos condicionados, como lembrou Orbeli na primeira “sessão pavloviana” em 1950 (Krementsov, 1997). Após 1928, na sequência de uma série de experimentos e acaloradas discussões com colegas soviéticos e estrangeiros (como era de seu feitio), Pavlov devotava-se cada vez mais à genética (daí, por exemplo, suas declarações em favor da eugenia), convencendo-se da impossibilidade da transmissão hereditária dos reflexos condicionados, ideia banida de seu acervo teórico. Ressalte-se ainda que, a pedido do fisiologista, ergueu-se um monumento a Gregório Mendel, como pai da genética, em frente a um de seus laboratórios – o qual foi devidamente “removido de seu proeminente lugar e guardado em um depósito” (p. 265, tradução nossa)¹⁵ durante a campanha michurinista.

À sessão do VASKhNIL seguiu-se um encontro ampliado do *presidium* da Academia de Ciências da URSS (diretamente ligada ao Comitê Central do Partido), a mais importante academia da ciência soviética, entre 24 e 26 de agosto de 1948. A repercussão na imprensa foi bombástica, havendo um efeito-cascata. Vários encontros aconteceram nas repúblicas; muitos deles, envolvendo educadores e profissionais de saúde. A sessão subsequente da Academia de Ciências Médicas tornou a doutrina de Pavlov, filtrada pelo marxismo-leninismo de Stálin, o centro unificador de todos os estudos sobre o ser humano, sendo objeto de veneração e de distorções por parte do sistema soviético de ciência, e não mais objeto de autêntico escrutínio científico (Joravski, 1989; Shuare, 1990). Shuare (1990) e Kremmentsov (1997) observam que tais campanhas tiveram, entre os anos de 1950-1952, forte impacto no ensino da fisiologia e de outras ciências atravessadas pelo exemplo da michurinização, entre as quais inclui-se a psicologia.

Em 1950 foi realizada a Sessão Científica da Academia de Ciências Médicas da União Soviética com o objetivo de monitorar se as produções científicas estavam utilizando a fisiologia da atividade nervosa de Ivan Pavlov como norteadora de seus trabalhos (Joravsky, 1989), ação que foi seguida pela Sessão Científica da Sociedade de Psiquiatras e Neurologistas da URSS em 1951. Ambas foram intensivamente publicizadas na imprensa, sendo que profissionais de diversas áreas, inclusive da própria psicologia, tomaram a palavra. Como afirma Joravsky (1989, p. 410, tradução nossa): “a Sessão de Pavlov de 1950 foi muito lotada, com aspirantes a palestrantes e ouvintes. Mais de 200 pediram a palavra; 81 conseguiram, e 51 outros tiveram espaço nos anais para suas ‘apresentações não realizadas’”¹⁶.

Segundo Almeida (2008) a sessão foi composta por dez turnos no total, e ocorreu entre os dias 28 de junho e 4 de julho de 1950 na Casa dos Cientistas de Moscou. Em meio a esse processo, Bikov e Ivanov-Smolenski, ambos ex-alunos de Pavlov, tornar-se-iam os principais beneficiários do espólio de Ivan Petrovitch (Krementsov, 1997). Eles fizeram as falas de abertura (*kritika*), seguidas pelas dos acusados (*samokritika*), “havendo posteriormente uma tréplica dos acusadores, assim como o fechamento da Sessão, com a Resolução Final” (Almeida, 2008, p. 121).

Durante a sessão de 1950, diversos cientistas, entre eles Orbeli, Kupalov, Anokhin, Bernstein e Beritashvili foram acusados de não seguirem a fisiologia da atividade nervosa central desenvolvida por Pavlov (Joravsky, 1989; Kremmentsov, 1997), sendo estes dois últimos já, de longa data, ad-

¹⁵ removed from its prominent place and put in storage (Mendel, p. 265)

¹⁶ The Pavlov Session of 1950 was very crowded, with would-be speakers as well as listeners. Over 200 asked for the floor, 81 got it, and 51 others were given space in the published proceedings for their ‘undelivered presentations’ (Joravsky, 1989, p. 410)

versários de Pavlov.

A ciência psicológica ficou em situação de grande incerteza: os discursos traziam amplos silêncios pontuados por frases estereotipadas e soluções prontas. A hostilidade de Pavlov contra a psicologia tornava difícil decidir quais poderiam ter sido aprovadas por ele (Joravsky, 1989, p. 412), se é que aprovaria alguma. Era de amplo conhecimento o fato de que, a despeito de seu imenso poder institucional, ele jamais mantivera um único laboratório de psicologia. O mesmo fazia Orbeli. Ao fim e ao cabo, a sessão de 1950 deixou de fazer a questão principal: “psicologia” ou “não psicologia”? Se “psicologia”, qual?

Outras perguntas fundamentais, na sessão de 1950: processos psicológicos e fisiológicos identificam-se? Processos relativos à atividade nervosa superior podem ser plenamente compreendidos por métodos fisiológicos de pesquisa? Quais as implicações do conceito de “segundo sistema de sinais” de Pavlov para a pesquisa dos anos de 1950?

Membros da academia pedagógica e médica anteciparam-se às altas esferas de comando, organizando as sessões, sem serem requestados a isso. Em um efeito-cascata, vários encontros aconteceram nas repúblicas; muitos deles, envolvendo educadores e profissionais de saúde.

Das 150 apresentações, menos de 10 tratam do destino da psicologia. Almeida (2008) informa que foram poucos os psicólogos acusados: Teplov, Rubinstein, Kolbanovski e Luria (o texto deste último, inclusive, não foi lido na conferência, somente publicado). Segundo Joravsky (1989), Luria¹⁷ tomou a palavra para defender a correlação entre processos psicológicos e neurais. Em contradição explícita, logo a seguir desculpou-se sobre seus estudos da afasia – os quais pesquisavam, justamente, tal correlação, a qual, naquele momento, era tida como “cosmopolita”; própria dos ocidentais, inadequada aos soviéticos. Sua fala não desperta qualquer reação da plateia. Conforme Joravsky (1989, p. 413), Sergei L. Rubinshtein¹⁸ tomou a palavra para enterrar o problema em *doublespeak*, ou seja, um discurso superficial com dupla significação: uma para os cientistas, outra para a censura partidária. Segundo Shuare (1990), claudicando nas palavras, Sergei Leonidovitch teria afirmado que a solução pavloviana sobre as conexões entre psique e cérebro eram a realização do monismo materialista leninista-stalinista.

A tese final aprovada foi muito vaga, demandando a reconstrução da medicina e psicologia com base na doutrina pavloviana. É de se imaginar que tal evasiva provava-se estratégica, sendo que uma aplicação ortodoxa da doutrina poderia significar a completa ruína para a psicologia. Os cadáveres da genética e da pedologia estavam frescos, mas, para sorte dos psicólogos, não havia um movimento organizado para destruir sua ciência. Segundo Joravsky (1989), para estabelecer a diferença entre os reflexos passivos de animais e o criativo dos seres humanos, Pavlov havia criado a evasiva ideia de um segundo sistema de sinais já em uma etapa mais avançada de sua obra. Bauer (1952) ratificou tal noção ao observar que a ideia aparecia apenas em quatro breves passagens dos três grossos volumes dos seminários de Ivan Petrovitch, a qual contemplaria palavras, símbolos e instrumentos que mediarão a relação entre indivíduo e ambiente e possibilitariam a autorregulação do comportamento individual. Enquanto animais responderiam apenas à excitação imediata, seres humanos poderiam criar seus próprios sistemas de sinalização, libertando-se dos estímulos imediatos.

Joravsky (1989, p. 388) considera que esse conceito de “segundo sistema” nunca foi estabele-

¹⁷ O cientista social e médico Alexander Romanovich Luria (1902-1977) foi o principal colaborador de L.S. Vigotski (1896-1934), tendo, junto deste, elaborado a chamada “psicologia histórico-cultural”. Entretanto, a reputação internacional de Luria consolidou-se na neuropsicologia, disciplina científica da qual é considerado o fundador. Além de amearhar poder considerável no sistema stalinista de ciência, tornou-se um dos mais reconhecidos cientistas soviéticos de seu tempo (Joravsky, 1989).

¹⁸ O filósofo Sergei Leonidovitch Rubinstein (1889-1960) foi o autor do *Princípios de Psicologia General* (1935), o livro mais celebrado pelo regime stalinista desde 1935 até o auge do caso Lissenko (Yasnitsky, 2009). O autor foi um *expert* em filosofia alemã, tendo obtido seu doutorado em Marburgo, Alemanha (1914), após o que passou a exercer o ofício de bibliotecário. Sua emergência como teórico da psicologia ocorreu mediante a publicação do artigo *Problemas de filosofia nas obras de Karl Marx* (1934), com o qual, segundo Yasnitsky (2009), Rubinshtein inaugurou a chamada “teoria da atividade”, perspectiva que se tornou hegemônica na psicologia soviética as décadas subsequentes.

cido claramente como anatômico ou fisiológico, não passando de uma vaga fantasia do Pavlov maduro para acomodar fala e pensamento dentro da reducionista doutrina dos reflexos condicionados. Um dos comentários mais importantes ao conceito, previamente às sessões pavlovianas, foi o do livro *História do desenvolvimento das funções psíquicas superiores* (Vigotski, 1995), no qual Lev Semionovitch Vigotski utiliza-se do conceito de segundo sistema de sinalização ao discutir a natureza psicológica do signo.

Durante o apogeu do caso Lissenko, Luria utilizou-se desse conceito para relacionar sua pesquisa à de Pavlov, sustentando, assim, sua lealdade ao regime stalinista (Homskaya, 2001). Em suas memórias, V.P. Zinchenko recorda-se de ter presenciado Luria responder a um estudante que tal segundo sistema era o “antigo discurso (speech)” (Zinchenko, 2004, p. 37, tradução nossa)¹⁹. Como recorda Bauer, o papel da semântica – tão vigorosa em Vigotski e Luria – já havia sido considerado “idealista” e expulso da psicologia soviética pelas críticas stalinistas dos anos 1930 (Toassa, 2016), forçando Luria a buscar termos alternativos para desenvolver suas ideias sobre a semântica. Mais do que uma interpretação ortodoxa de Pavlov, é possível que Luria e outros ex-colaboradores de Vigotski tenham lidado com o arrocho teórico embutido na pavlovização como oportunidade para “traficar a semântica pela porta dos fundos [da ciência stalinista – G.T.]” (Bauer, 1952, p. 175, tradução nossa)²⁰, no contexto da confusão a respeito desse conceito, revelada nas sessões pavlovianas de 1950 e 1951. Ele vinha a calhar para o comentário dos “geniais trabalhos de Stálin sobre a linguística” (Shuare, 1990, p. 162, tradução nossa)²¹.

A sessão da Academia de Ciências Médicas e da Sociedade de Psiquiatras e Neurologistas da URSS, em 1951, foi bastante disputada e mais conclusiva, com a vitória suprema de Snezhveskii (Joravsky, 1989). Psiquiatria e psicologia estavam, nesse momento, institucionalmente distantes.

Há poucas informações sobre a sessão de 1952, que, de fato, focou na psicologia (segundo Joravsky, 1989; Almeida, 2008; Krementsov, 1997; Shuare, 1990). Sobre essa lacuna, podemos apenas tecer suposições. Houve destruição de documentos? Como as cartas já estavam na mesa e todos sabiam que Pavlov era um curinga para a psicologia, a sessão visava apenas a supervisionar a pavlovização. A essa altura, diversos comentadores concordam que os cientistas tinham adquirido experiência em lidar com as injunções do stalinismo. Como exemplifica Krementsov, na Academia de Ciências Pedagógicas, após 1949: “Eles correram para ‘purificar’ as instituições envolvidas com o ensino de biologia antes que as ordens diretas do partido lhes dessem instruções concretas que poderiam ser muito mais devastadoras” (1997, p. 221, tradução nossa)²².

Não obstante, é controverso o impacto real da pavlovização nas pesquisas psicológicas, para além do que Krementsov denomina *lip service* (literalmente, “serviço labial”) ao regime. Podemos citar como exemplo uma obra escrita no pico dos acontecimentos, a de Bauer (1952, concluída em setembro de 1951), que não identifica maior presença da ideia de reflexos condicionados nas publicações desses anos. Homskaya (2001), Shuare (1990) e Yasnitsky (2009) identificaram prejuízos teóricos significativos para a psicologia, embora este último tenda a frisar o impacto institucional e educacional da pavlovização, para além de seus prejuízos teóricos.

Dos três historiadores, Shuare (1990) é a única a comentar a reunião sobre a psicologia, ocorrida entre junho e julho de 1952 mediante convocatória do *Presidium* da Academia de Ciências Pedagógicas da República Russa e o Instituto de Psicologia de Moscou. De acordo com ela, dentre as mais de 40 apresentações para uma plateia com cerca de 400 pessoas, entre as quais contavam-se muitos doutores em ciência e educadores de não menos que nove repúblicas soviéticas, Smirnov e

¹⁹ former speech (Zinchenko, 2004, p. 37)

²⁰ smuggling general semantics in through the back door (Bauer, 1952, p. 175)

²¹ geniales trabajos de Stalin sobre la linguística (Shuare, 1990, p. 162)

²² They hurried to “purify” the institutions involved with biology education before direct party orders would provide them with concrete instructions that could be much more devastating (Krementsov, 1997, p. 221)

Teplov realizaram os principais informes (indício da curta memória do regime, já que este último fora exprobado na sessão de 1950). Em termos de conteúdo, basicamente, repetiram-se as injunções da sessão de 1950, com ênfase para a necessidade de estudar o desenvolvimento infantil à luz da teoria do sistema de sinais, dos traços psicológicos da personalidade nas condições da educação/produção econômica comunista, não se devendo ignorar as diferenças individuais, ideia já presente na teoria de Pavlov sobre os tipos de atividade nervosa superior²³.

Poucos textos da psicologia soviética entre 1948 e 1953 foram publicados no Ocidente. No que se refere à biografia dos principais pupilos de L.S. Vigotski, cabe destacar que, por ser judeu, Luria perdeu seu posto de trabalho devido à onda de antisemitismo paralela ao caso Lissenko (Homskaya, 2001), embora as consequências laborais para o também judeu Rubinshtein, o mais influente autor da psicologia geral dos anos de 1940, tenham sido mais graves, tendo persistido até a morte de Stálin, em 1953 (Shuare, 1990). Leontiev, junto de vários outros, foi um dos responsáveis pelo ataque a Rubinshtein em 1948.

Mas, de forma contraditória, logo em seguida, Luria tornou-se vice-presidente de pesquisa do Instituto de Defectologia da Academia de Ciências Pedagógicas. Concomitantemente, seu ritmo de publicações caiu muito de 1951 a 1956 (apenas oito produtos, conforme constatamos em Homskaya, 2001), sendo que o título de duas delas inclui referência a Pavlov, enquanto outra aborda o “segundo sistema de sinalização”. A biógrafa de Luria, Homskaya (2001) informa ainda que ele foi agraciado com a Medalha Lênin (*Orden Lenina*) em 1951. Essa honraria distinguiu apenas quem tinha prestado destacados serviços ao Estado e à sociedade soviética.

Conforme Homskaya, a despeito dessas conquistas, Luria não estava satisfeito na década de 1950. Ele queixava-se de ter sido forçado pelas circunstâncias a retroceder para o uso do método motor combinado, uma variante do estudo dos reflexos condicionados pavloviano (método que ele abandonara nos anos 1920, ao conhecer Vigotski), e se dobrar ao associacionismo de Ivanov-Smolenskii. A sessão pavloviana de 1950 também o fizera deslocar-se da neuropsicologia para a defectologia (Homskaya, 2001, p. 125).

Frente a isso, podemos supor que Luria teria contribuído para que a sessão pavloviana de 1952, realizada na Academia de Ciências Pedagógicas, fosse inócua? É bastante provável. Conforme Homskaya (2001), logo no início do Degelo de Krushov²⁴, em 1956, Luria publicou crítica a Ivanov-Smolenskii, o intelectual da pavlovização, e ao behaviorismo pavloviano ortodoxo deste. Seguiu-se a isso uma vigorosa retomada da produção intelectual luriana e seu retorno ao campo da neuropsicologia.

Leontiev, nessa época, era membro correspondente da Academia de Ciências Pedagógicas da Federação Russa. Ainda no início dos anos 1950, conquistou elevadas posições institucionais, que manteve até sua morte, em 1979; algumas delas, herdadas de Rubinshtein (Mironenko, 2013; Golder, 2004). Em março de 1953, recebeu a medalha K.D. Ushinskii (A.A. Leontiev, 1984, p. 32). Em Leontiev (1961), temos um bom exemplo do “serviço labial” prestado pelos pesquisadores no decorrer da pavlovização. O lamarckismo está presente na ideia de que Darwin:

estava interessado na importância do instinto na vida das espécies e chegou à conclusão de que o desenvolvimento das espécies só pode ser entendido pela admissão da heritabilidade das mudanças ocorridas sob a influência de novas condições de vida que não correspondiam aos instintos já existentes [na espécie – G.T.]. (Leontiev, 1961, p. 32, tradução nossa)²⁵

²³ Conforme Bauer (1952), Pavlov distinguiu quatro tipos: impetuoso, vivaz, fraco e quieto.

²⁴ Segundo Reis Filho (2007), o processo de “desestalinização” ou “degelo” teve início em 1956, com a denúncia dos crimes de Stálin por Nikita Krushov no XX Congresso do Partido Comunista. Esse fato marcou um breve período de abertura política, cuja consequência foi o aumento da autonomia dos cientistas, interrompendo, segundo Krementsov (1997), a “caça às bruxas” na ciência.

²⁵ He was interested in the importance of instinct in the life of the species and reached the realization that the development of species can only be understood by assuming the inheritability of the changes made under the influence of new conditions of life that did not correspond to the existing instincts. (Leontiev, 1961, p. 32)

Os termos/jargões em uso são típicos desse momento. No texto, Leontiev realiza uma autocrítica e também ataca S.L. Rubinshtein e V. Borovski, que tacha de “morganistas” (i.e., aliados dos geneticistas), além de Kornilov e Teplov. Proclama ainda o triunfo do michurinismo e sua aplicação à psicologia, defendendo que o experimento psicológico seja similar ao pedagógico e as duas ciências aproximem-se.

Em defesa do pai, A.A. Leontiev (1984), filho e biógrafo de A.N., sustenta que o pesquisador foi um dos responsáveis pela obtenção de um espaço para a psicologia, conseguindo mantê-la viva neste período de adversidade, além de contribuir para avivá-la, quando este terminou. O início do Degelo ou desestalinização (1956-1964) coincidiu com um novo momento de abertura para a ciência soviética, e os cientistas – inclusive psicólogos – começaram a retomar suas viagens a eventos internacionais e a publicar no exterior. No âmbito interno, eram mais fortes os sinais de uma relativa estabilização institucional. A partir de então, a tendência histórica afirmou-se pela condenação ao stalinismo, e à eliminação de referências a Stálin nos trabalhos já publicados.

Como os demais comentadores, Shuare (1990) detecta nas falas dos pesquisadores a estratégia de ceder no discurso para preservar a prática de pesquisa. Não obstante, os efeitos na psicologia foram consideráveis: a autora ressalta como se teriam cerceado as buscas criativas em vários aspectos, dentre os quais o da própria natureza da psique e do caráter ativo do sujeito, tanto na psicologia como na fisiologia. Para ela, foram bastante danosas as críticas a Anokhin e Bernstein, fisiologistas que, como Luria e Vigotski, priorizavam a noção de sistema funcional em detrimento da causalidade linear embutida na relação estímulo-resposta própria aos reflexos condicionados pavlovianos (Almeida, 2008).

Já Yasnitsky, em sentido similar ao de Krementsov, salienta o impacto duradouro da michurinização – e a consequente pavlovização – na educação soviética. Ao contrário do que pressupõe a maioria dos relatos sobre as consequências negativas da erradicação da pedologia e seus impactos na psicologia, Yasnitsky (2016) menciona importantes conquistas institucionais e educacionais da psicologia. O fim da pedologia e de outras novas ciências, de fato, teriam possibilitado que os anos de 1936-1946 assistissem ao maior crescimento institucional da psicologia soviética, consolidando-a – para o bem, tanto como para o mal – no decorrer da michurinização.

Segundo Yasnitsky (2016), os primeiros Departamentos de Psicologia soviéticos datam de 1943 e 1944. As primeiras monografias finais de graduação foram defendidas na época do stalinismo tardio pelos jovens nascidos nos anos de 1920 (caso de Boris Lomov e Vasili Davidov). Diversamente da geração que veio ao mundo no fim do século XIX e início do século XX (caso de Rubinshtein e dos membros do Círculo de Vigotski), caracterizada pela participação na intensa vida cultural, nas privações e alegrias da Revolução Russa, a geração subsequente nada vivenciara além do sistema stalinista de ciência – e, com ele, o clima isolacionista da Guerra Fria, o ritualismo partidário, entre outros fenômenos negativos da democratização da pesquisa científica. Segundo Yasnitsky, essas condições teriam determinado um significativo rebaixamento na qualidade da ciência psicológica soviética com relação à geração anterior. Isso se aplica, também, ao conhecimento das ideias de Vigotski: os primeiros graduados em psicologia soviética tiveram pouco, ou nenhum, contato com sua obra.

Considerações finais

O trabalho aqui realizado integra um projeto maior, que tem como um dos objetivos realizar releitura da psicologia soviética a partir da compreensão do sistema de ciência da URSS. Demanda, ainda, aprofundamento nas análises biográficas dos psicólogos e sua relação com tal sistema, analisando o papel tanto dos porta-vozes da área (caso de Leontiev e Luria) quanto dos cientistas em degraus hierárquicos mais abaixo. Dada a complexidade das estruturas institucionais e sua dinâmica,

o presente trabalho concentrou-se em um recorte temporal breve, porém decisivo para a ciência soviética.

Acreditamos que nossa contribuição seja a de popularizar certas determinações macropolíticas, correlações temporais e práticas discursivas próprias ao momento histórico especificado, embora passe longe de explorar a dinâmica complexa do caso Lissenko e a extensão do seu efeito-cascata nas ciências soviéticas – para não falar dos impactos na educação escolar e na saúde. Os estudos históricos de tal caso, no entanto, contribuem para a exposição dos mecanismos de ação do Partido-Estado e a situação (privilegiada, embora, de tempos em tempos, bastante insegura) da pesquisa científica em seu interior. Como conclui Joravsky (1989, p. 404, tradução nossa), “mesmo no front, em tempo de batalha, os soldados continuam com as tarefas vitais ordinárias, buscando abrigo apenas quando necessário”.

Os efeitos da pavlovização são difíceis de determinar com precisão, mas trouxeram, segundo os comentadores, prejuízos teóricos e educacionais significativos, especialmente se considerarmos que a primeira geração de psicólogos soviéticos foi educada no stalinismo tardio, assumindo o controle das instituições da área nas décadas subsequentes.

O manejo da pavlovização por Luria ilustra a experiência tática que ele obtivera desde o desastre político acarretado pelas pesquisas com Vigotski no Uzbequistão, no início dos anos 1930s, as quais, a despeito do contexto político mais favorável, deixaram-no em lençóis bem piores do que o caso Lissenko. Tal caso, afinal, atingia em cheio o sistema soviético de ciência, e isso se deu em tempos de uma forte onda antisemita. Luria era médico, judeu e mantinha sólidas conexões internacionais, três motivos que o tornavam um alvo em potencial. A despeito disso, atravessou a pavlovização sem retaliações mais graves.

Os textos de Luria entre 1951 a 1956, além de suas declarações esquivas na sessão pavloviana de 1950, parecem não ter passado de *lip service* prestado ao Partido, ao qual tanto ele quanto Leontiev filiaram-se nos anos 1940s, e pelo qual foram condecorados entre 1951-1953. Não sabemos se esses ex-pupilos de Vigotski agiram de forma coordenada – segundo Yasnitsky (2009), provavelmente sim – mas Leontiev mostrou-se mais agressivo do que Luria, partindo para o ataque e tomando diversos postos institucionais nessa época. Para isso, contribuiu a forte hierarquização e centralização do sistema, tomado por um efeito-cascata que gerou sessões de impacto na ciência psicológica entre 1948, com destaque para as de 1950 e 1952 (ver Anexo 1).

Embora possa ser tentador acreditar na resistência da “boa ciência” contra a “má política”, muito presente na soviologia norte-americana, capitalista e liberal, nossa pesquisa aponta para uma inserção mais nuançada dos pesquisadores soviéticos no contexto histórico da Guerra Fria, do qual a ciência é mais um *front*. Neste, como podemos depreender de Joravsky (1989), expõe-se ao extremo a contradição entre o marxismo (que não defendia a redução de toda a riqueza e variedade do mundo subjetivo a leis fisiológicas básicas, tendendo a buscar uma psicologia baseada na aceitação de nossas raízes biológicas primatas, qualitativamente transformadas pelo desenvolvimento cultural humano) e o pavlovismo (que não tinha problema com reducionismos desse tipo). Pavlov, tal como os demais “pais-fundadores” da ciência soviética, foi apropriado por Trofim Lissenko e seus colaboradores, que distorceram seu legado até convertê-lo em um simpatizante do lamarckismo. Vale ressaltar que, apesar de a pavlovização ter contribuído para criar uma leitura distorcida bastante diversa de seu legado científico original, a força desse legado nas ciências fisiológicas e afins (como a psicologia) já vinha se intensificando muito desde o início dos anos 1930s, contribuindo para sufocar as alternativas a ela.

A pavlovização significou uma diminuição de temas passíveis de estudo, confusão e retrocesso para a riquíssima psicologia soviética. Uma nova guerra se constituía: do outro lado da trincheira, o senador Joseph McCarthy caçava acadêmicos de almas vermelhas na América do Norte, divulgando mentiras não menos chocantes que as do michurinismo soviético. Nesse retrato histórico, Pavlov po-

dia ser retratado como um lamarckista(!), e a evasiva tornava-se uma estratégia de sobrevivência para os psicólogos soviéticos. Como afirma Joravsky “a unidade monolítica como o suposto definidor da Sessão exigia uma escolha – psicologia ou não psicologia, e se psicologia, qual escola – uma escolha definitiva que ninguém ousou propor” (1989, p. 412, tradução nossa).

Referências

- Almeida, S. H. V de. (2008). *Psicologia histórico-cultural da memória*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Araújo, A. C. B., Ferreira, D. de L., Lima, N.A.C., & Gonçalves, R. M. de P. (2010). As bases filosóficas da psicologia soviética: estudos introdutórios na perspectiva da escola de Vigotski. *Arma da crítica*, Ano 2 (n.º esp.), p. 32-47. Disponível em http://www.armadacritica.ufc.br/phocadownload/artigo_2_especial.pdf. Acesso em 31 de maio, 2019.
- Bauer, R. A. (1952). *The new man in soviet psychology*. Boston: Harvard University Press.
- Cohen, B.M. (1976). Some Insights into the Application of Science to Agriculture in the Soviet Union. *Economic Botany*, 30(4), p. 347-359. DOI: <http://dx.doi.org/10.1007/BF02904656>.
- Deutscher, I. (1970). *Stálin: A história de uma tirania*. (Vol. 2). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Fitzpatrick, S. (2000). *Everyday Stalinism: ordinary life in extraordinary times*. Oxford: Oxford University Press.
- Golder, M. (2004). *Leontiev e a psicologia histórico-cultural: um homem em seu tempo*. São Paulo: Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Atividade Pedagógica/Xamã.
- González-Rey, F. (2012). Reflexões sobre o desenvolvimento da psicologia soviética: focando algumas omissões da interpretação ocidental. *Psicologia & Sociedade*, 24(2), p. 263–271. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822012000200003>
- Henrique, A. B., Zanetic, J., & Gurgel, I. (2012). *O que podemos aprender sobre a natureza da ciência a partir da história da ciência soviética?* Anais eletrônicos do 13º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia. São Paulo: Sociedade Brasileira de História da Ciência.
- Homskaya, E. D. (2001). *Alexander Romanovich Luria. A Scientific Biography*. New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers.
- Joravsky, D. (1989). *Russian psychology: A critical history*. Oxford: Basil Blackwell.
- Krementsov, N. (1997). *Stalinist Science*. New Jersey: Princeton.
- Lazaretti, L. M. D. B. (2011). A longa noite de terror stalinista: implicações às pesquisas de Elkonin. In: Lazaretti, L. M. D. B. (Org.). *Elkonin: Vida e obra de um autor da psicologia histórico-cultural* (p. 32-49). São Paulo: Editora Unesp.
- Leontiev, A. N. (1961). The Present Tasks of Soviet Psychology. In: Leontiev, A. N. *Soviet Psychology: A Symposium* (pp.31-47). New York: Philosophical Library (Originalmente publicado em 1950).
- Leontiev, A. A. (1984). The productive career of Aleksei Nikolaevich Leont'ev. *Soviet Psychology*, 23(1), p. 6-56.
- Mironenko, I. A. (2013). Concerning interpretations of activity theory. *Integrative Psychological and Behavioral Science*, 47(3), p. 376-393. DOI: 10.1007/s12124-013-9231-5.

- Netto, J. P. (1986). *O que é Stalinismo*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Reis Filho, D. A. (2007). *Uma revolução perdida: a história do socialismo soviético*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- Ricci, P. S. P., & Tuleski, S. C. (2012). A concepção de Pavlov e de Vygotski acerca da consciência. *Arma da crítica*, 4, 32-47. Disponível em http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/23160/1/2012_art_pspriccisculeski.pdf. Acesso em 31 de maio, 2019.
- Santos Junior, R. L. dos (2012a) Análise histórica da evolução e desenvolvimento dos campos da Ciência e da Tecnologia na antiga União Soviética e Rússia (1917-2010). *Revista Brasileira de História da Ciência*, 5(2), p. 279-296. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/incid/article/download/48654/52725/>. Acesso em 31 de maio, 2019.
- Santos Junior, R. L. dos (2012b). Análise sobre o desenvolvimento do campo de estudo em informação científica e técnica nos Estados Unidos e na antiga União Soviética durante a Guerra Fria (1945-1991). *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, 8(2), p. 130-157. Disponível em <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/217>. Acesso em 31 de maio, 2019.
- Shuare, M. (1990) *La psicología soviética tal como yo la veo*. Moscou: Editorial Progreso.
- Teixeira, E. S. (2004). Censura Imposta a Vigotski e seus Colegas na União Soviética entre 1936 e 1956: o decreto da pedologia. *Revista científica in pauta*, 3, p. 221-244.
- Toassa, G. (2011). *Emoções e vivências em Vigotski*. Campinas, São Paulo: Papirus.
- Toassa, G. (2015) Is there a Vygotskian Materialism? Ontological and epistemological concerns for a contemporary Marxist Psychology (Part II). *Dubna Psychological Journal*, 3, p. 66 - 80.
- Toassa, G. (2016). Nem tudo que reluz é Marx: críticas stalinistas a Vigotski no âmbito da ciência soviética. *Psicologia USP*, 27(3), p. 553-563. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/0103-656420140138>.
- Todes, D. (2000). *Ivan Pavlov: exploring the animal machine*. New York: Oxford University Press.
- Turkevich, J. (1956). Soviet science in the post-Stalin era. *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 303(1), p. 139-151. Disponível em https://www.jstor.org/stable/1032298?seq=1#page_scan_tab_contents. Acesso em 31 de maio, 2019.
- Vigotski, L.S. (1995). Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores. In: *Obras escogidas*. (Vol.3, pp.11-340). Madrid: Visor Distribuciones (Original publicado em 1931).
- Yasnitsky, A. (2009). *Vigotski Circle during the decade of 1931-1941: Toward an integrative science of mind, brain, and education*. Doctorate Thesis. Doctorate of Philosophy, Department of Curriculum, Teaching and Learning. University of Toronto, Toronto.
- Yasnitsky, A. (2016). El arquetipo de la psicología soviética: del estalinismo de los años 1930 a la “ciencia estalinista” de nuestros días. In: Yasnitsky, A. & Veer, R. van der. (Eds.). *Vygotski revisitado: una historia crítica de su contexto y legado*. Buenos Aires: Miño y Dávila Editores.
- Zinchenko, V. P. (2004). The Psychological Theory of Activity: "Remembrances of the Future". *Journal of Russian & East European Psychology*, 42(2), p. 30-68. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10610405.2004.11059215>. Acesso em 31 de maio, 2019.

Submetido em: 26/05/2018

Aprovado em: 16/09/2018

ANEXO 1

Tabela 1: Pavlovização das ciências – sessões de discussão pública na psicologia e campos afins (baseado em Krementsov, 1997)

| | |
|---------------------------------------|--|
| 31 de Julho a sete de Agosto de 1948 | Sessão da Academia de Ciências Agrárias (VASKhNIL) |
| 4 de Setembro de 1948 | Encontro ampliado do presidium da Academia de Ciências Pedagógicas da Rússia “Sobre os Resultados do Encontro do VASKhNIL e as tarefas da Academia de Ciências Pedagógicas |
| 9 a 10 de Setembro de 1948 | Sessão da Academia de Ciências Médicas decide pela adoção do pavlovismo como teoria materialista “setorial”, correlata ao michurinismo na biologia |
| 28 de Junho a quatro de Julho de 1950 | Encontro unificado da Academia de Ciências e Academia de Ciências Médicas sobre “o desenvolvimento da doutrina de Pavlov” na fisiologia. Seguem-se sessões das academias de ciências lituana e ucraniana |
| 11 a 15 de Outubro de 1951 | Encontro unificado da Academia de Ciências Médicas e da Sociedade de Psiquiatras e Neurologistas da URSS sobre “a doutrina fisiológica do acadêmico I.P. Pavlov” na psiquiatria |
| Março de 1952 | Encontro da Academia de Ciências Pedagógicas da Rússia sobre a situação na psicologia e sua reorganização com base na doutrina de I.P. Pavlov |